



A NATUREZA COMO ALEGORIA FUNDANTE NA WICCA: romantismo, imaginário religioso e construção simbólica

NATURE AS FOUNDATIONAL ALLEGORY IN WICCA:
romanticism, religious imagination, and symbolic construction

LA NATURALEZA COMO ALEGORÍA FUNDANTE EN LA WICCA:
romanticismo, imaginario religioso y construcción simbólica

Flávio Lopes Arantes*

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião
São Paulo, SP, Brasil

E-mail: flavio.ensino@gmail.com

ORCID: [0009-0004-5860-6416](https://orcid.org/0009-0004-5860-6416)

RESUMO

Este artigo investiga a construção simbólica da natureza na *Wicca*, religião moderna surgida na Europa no século XX. Com base em uma revisão de literatura, são analisadas fontes éticas, que contextualizam historicamente a *Wicca* e suas influências intelectuais, e fontes êmicas, constituídas por textos de autores *wiccanianos*. Argumenta-se que a visão de natureza na *Wicca* é fortemente influenciada pelo Romantismo literário e por discussões antropológicas, resultando em uma idealização de um passado agrário pré-industrial. A análise se concentra em três elementos centrais: o desenvolvimento simbólico da deusa da fertilidade e do deus de chifres, e a estrutura alegórica da roda do ano. Esses aspectos revelam como a natureza na *Wicca* funciona mais como uma construção alegórica do que como um apelo ecológico direto, refletindo tensões entre modernidade e primitivismo, campo e cidade, e religiosidades imanentes e transcendentais. Por fim, o artigo discute a adaptação urbana da prática *wiccaniana* e as ambiguidades do conceito de natureza em sua literatura, enfatizando seu caráter simbólico e idealizado.

Palavras-chave: *Wicca*; Neopaganismo; Natureza.

ABSTRACT

This article investigates the symbolic construction of nature in Wicca, a modern religion that emerged in 20th-century Europe. Based on a literature review, the analysis draws from ethical sources, which provide historical context for Wicca and its intellectual influences, and emic sources, consisting of texts authored by Wiccan practitioners. The study argues that Wicca's perception of nature is heavily influenced by literary Romanticism and anthropological discussions, resulting in an idealized view of a pre-industrial agrarian past. The analysis focuses on three key elements: the symbolic development of the fertility goddess and the horned god, and the allegorical structure of the Wheel of the Year. These aspects reveal how nature in Wicca functions more as an allegorical construction than a direct ecological appeal, reflecting tensions between modernity and

* Mestre e doutorando em Ciência da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

primitivism, rural and urban spaces, and immanent and transcendent religiosity. Finally, the article discusses Wicca's urban adaptation and the ambiguities of the concept of nature in its literature, emphasizing its symbolic and idealized character.

Keywords: *Wicca; Neopaganism; Nature.*

RESUMEN

Este artículo investiga la construcción simbólica de la naturaleza en la Wicca, una religión moderna surgida en Europa en el siglo XX. Basándose en una revisión bibliográfica, se analizan fuentes éticas, que contextualizan históricamente a la Wicca y sus influencias intelectuales, y fuentes émicas, constituidas por textos de autores wiccanianos. Se argumenta que la visión de la naturaleza en la Wicca está fuertemente influenciada por el Romanticismo literario y por discusiones antropológicas, resultando en una idealización de un pasado agrario preindustrial. El análisis se concentra en tres elementos centrales: el desarrollo simbólico de la diosa de la fertilidad, del dios cornudo y la estructura alegórica de la rueda del año. Estos aspectos revelan cómo la naturaleza en la Wicca funciona más como una construcción alegórica que como un llamado ecológico directo, reflejando tensiones entre modernidad y primitivismo, campo y ciudad, y religiosidades immanentes y trascendentes. Finalmente, el artículo discute la adaptación urbana de la práctica wiccaniana y las ambigüedades del concepto de naturaleza en su literatura, enfatizando su carácter simbólico e idealizado.

Palabras clave: *Wicca; Neopaganismo; Naturaleza.*

1 INTRODUÇÃO

A Wicca é um novo movimento religioso que emergiu na Europa em meados do século XX através dos esforços de Gerald Gardner, um funcionário público inglês aposentado, ativamente envolvido com o *milieu* ocultista europeu por décadas. Ela foi oficialmente apresentada ao público em 1954 com a publicação da obra *A Bruxaria Hoje* (Gardner, 2003) e, posteriormente, *O Significado da Bruxaria* (Gardner, 2004). Originalmente, Gardner afirmou conceber a Wicca como uma religião de mistérios iniciática, centrada em rituais e celebrações das estações do ano, incorporando práticas de feitiçaria e uma devoção a um casal de deuses da natureza: uma deusa da fertilidade, associada à terra e à lua, e um deus cornífero que preside a morte e a caça, que supostamente seriam os primeiros deuses conhecidos e cultuados pelas sociedades caçadoras-coletoras da velha Europa. A experiência religiosa está centrada na prática de rituais, todos marcados temporalmente por algum fator natural. As cerimônias religiosas da Wicca narram a relação entre ambas as deidades como produtora da mudança das estações, compondo um calendário litúrgico de oito rituais sazonais, chamado de Roda do Ano, bem como uma celebração mensal na noite de lua cheia.

A religião criada por Gerald Gardner se expandiu amplamente, alcançando um número expressivo de adeptos em várias partes do mundo. Nos Estados Unidos, em especial, os princípios religiosos de Gardner encontraram terreno fértil para florescer, adaptando-se a um ambiente marcado pela diversidade de fenômenos religiosos e ideais políticos. Isso

estimulou o surgimento de múltiplas vertentes e expressões religiosas inspiradas no modelo coexistente original (que passou a ser identificado como *Wicca* Tradicional Britânica), cada uma delas reinterpretando seus elementos centrais conforme crenças e práticas específicas, dando origem a diversas denominações independentes identificadas como Tradições, cada uma com características que as tornam únicas.

Além disso, a ampla quantidade de obras publicadas sobre o tema no formato de manual, ensinando as pessoas a officiar suas próprias cerimônias, deu origem à chamada prática solitária, na qual um adepto é responsável por conduzir sua própria experiência religiosa sem a necessidade de vínculo a um grupo organizado. Esse processo de difusão e diversificação fez com que o termo *Wicca* se tornasse uma categoria abrangente, abarcando não apenas uma única tradição religiosa unificada, mas um espectro amplo de fenômenos religiosos, organizações, grupos independentes e praticantes individuais que se distinguem em dogma, ritualística e estrutura organizacional.

Apesar da grande variedade contemporânea de organizações religiosas distintas e independentes que se identificam como pertencentes à *Wicca*, um dos aspectos centrais compartilhados por elas é a importância dada à noção de natureza. A partir dela, derivam-se práticas e crenças que celebram o mundo natural, o ciclo das quatro estações do ano e os elementos da terra, água, fogo e ar como *princípios arquetônicos* do mundo e do espaço cerimonial. Entretanto, ao analisarmos mais de perto a relação entre a *Wicca* e a natureza, surge uma questão crucial: a *natureza* presente nos textos e rituais *wiccanianos* refere-se realmente a um conceito ecológico concreto e tangível ou trata-se de uma construção alegórica influenciada pelo ideal de um passado perdido? Esse questionamento nos leva ao cerne da problemática discutida neste artigo. Embora, em termos êmicos, a *Wicca* proclame uma ligação íntima com o mundo natural, a representação da natureza presente em suas práticas parece estar mais alinhada a uma visão simbólica, moldada pela nostalgia de um passado agrário idealizado, bem como pela influência de analogias psicológicas sobre a realidade subjetiva do ser humano, derivadas do contexto esotérico a partir do qual ela emerge.

Este artigo argumenta que a concepção de natureza na *Wicca* é fortemente influenciada pelo Romantismo europeu do século XIX, movimento que marcou a valorização de uma natureza pura, inexplorada e imaculada, em contraste com a crescente industrialização e urbanização da época. Ao resgatar a visão bucólica e saudosista dos românticos, a *Wicca* incorpora uma percepção de natureza que é mais simbólica do que factual. Essa natureza virtual serve como uma construção alegórica, interpretada muitas

vezes como metafórica de processos humanos subjetivos, e não necessariamente como um apelo concreto para práticas ecológicas e de preservação do ambiente.

Para desenvolver a análise proposta, este artigo adota uma metodologia baseada em revisão de literatura, organizada em dois eixos principais. O primeiro eixo compreende fontes éticas, que incluem estudos históricos e acadêmicos dedicados às origens da *Wicca* e suas principais influências culturais e intelectuais, como o Romantismo europeu, a arqueologia e a antropologia do início do século XX. Entre essas fontes, destacam-se as obras de Ronald Hutton e Wouter Hanegraaff, que permitem situar a *Wicca* no contexto mais amplo do Neopaganismo e das religiões modernas. O segundo eixo abrange fontes êmicas, consistindo em textos de autores *wiccanianos* – particularmente as obras de Gerald Gardner, considerado o fundador da *Wicca* Tradicional Britânica, e outros autores influentes na sistematização e disseminação da prática religiosa. Esses textos são utilizados para exemplificar e analisar o discurso interno da *Wicca*, especialmente no que diz respeito à construção simbólica e alegórica da natureza em rituais e mitologias. Esse enfoque metodológico busca, assim, traçar as origens e transformações do conceito de natureza na *Wicca*, considerando tanto os contextos histórico e cultural que a influenciaram quanto os discursos produzidos pelos próprios praticantes.

2 CONTEXTO HISTÓRICO: NEOPAGANISMO, O ROMANTISMO E A IDEALIZAÇÃO DA NATUREZA

A *Wicca*, também referida como Bruxaria Pagã Moderna (Hutton, 2019), é uma religião que integra o chamado Neopaganismo – uma categoria utilizada para referir-se a um conjunto de novos movimentos religiosos desenvolvidos principalmente na Europa, que visam o resgate, recriação ou reestabelecimento dos cultos às deidades nativas pré-cristãs de um ou mais territórios, adaptando-os ao contexto de mundo atual (Pearson, 2006, p. 828). Hanegraaff (1996) identifica a *Wicca* como o epicentro do movimento neopagão, a partir do qual diferentes modelos religiosos ganharam forma.

Em termos êmicos, Neopaganismo é descrito por seus aderentes como uma prática espiritual centrada na terra e na natureza, resgatando o termo *pagão* do latim *pagus*, interpretado como o ambiente rural, em oposição ao espaço urbano (Hutton, 2019). Nesse sentido, as religiões neopagãs seriam aquelas orientadas para a natureza e seus ciclos, muitas vezes adotando uma ontologia panteísta e imanente, que entende suas deidades como manifestas e participantes no mundo natural. Hanegraaff (1996) aponta que, em termos gerais, o Neopaganismo identifica as crises ambientais como um problema

contemporâneo decorrente do afastamento do ser humano da natureza, propondo um regresso à *sabedoria da terra* como solução política e religiosa.

A contextualização da *Wicca* como uma religião neopagã marca não apenas sua identidade centrada na oposição entre os territórios urbano e campestre, mas também sua tensão com o Cristianismo, na rejeição total ou parcial de conceitos como inferno, pecado e diabo, por exemplo. Apesar de se observar que “a atitude de ‘ser neopagão’ como oposição a ‘ser cristão’ está se tornando cada vez mais rara” (Pearson, 2006, p. 829, tradução nossa)¹, a narrativa êmica das religiões neopagãs muitas vezes está centrada em tal oposição, uma vez que descreve o cristianismo como o grande responsável pela supressão e extinção das religiões antigas nas quais o neopaganismo busca inspiração (Hanegraaff, 1996, p. 77). O próprio Gardner, nas obras consideradas como fundacionais à *Wicca*, descreve as deidades das bruxas como *menores* e, portanto, mais próximas da humanidade e atentas às suas necessidades e dispostas a produzir-lhes felicidade (Gardner, 2003, p. 33). A rejeição de dogmas e sistemas rígidos de crença, a prática politeísta centrada na observação de fases da lua e a mudança de estações do ano e a presença marcada de uma deidade feminina são todos elementos descritos em contraste com o Cristianismo e outros monoteísmos. Para as vertentes da *Wicca* surgidas posteriormente nos Estados Unidos com maior ênfase na figura da deusa e amplamente influenciadas pelo movimento feminista, como as tradições diânicas e a Reclaiming, bem como grupos femininos pertencentes ao paralelo Movimento da Deusa, críticas diretas são feitas à visão de mundo judaico-cristã, descrita como uma estratégia patriarcal para legitimar a dominação masculina sobre a natureza e a figura da mulher (Reid-Bowen, 2007).

Entretanto, para compreender a construção da natureza na *Wicca* e responder ao problema de pesquisa que propõe investigar sua concepção alegórica, é fundamental explorar a influência do movimento literário romântico sobre suas origens. O Romantismo desempenhou um papel crucial no desenvolvimento das religiões neopagãs modernas, inspirando uma visão da natureza profundamente idealizada, como fonte de conhecimento e objeto da prática religiosa. Essa idealização romântica da natureza não apenas moldou a literatura e o pensamento da época, mas também deixou uma marca indelével na constituição das religiões neopagãs. Voltar-se a essa influência é essencial, pois ela revela as raízes simbólicas que sustentam a visão *wiccaniana* de natureza, permitindo uma análise mais completa sobre como o imaginário romântico foi absorvido e reinterpretado dentro do movimento inicial da *Wicca* como um sistema religioso conectado a um passado ideal e a

¹ “The attitude of ‘being neopagan’ in opposition to ‘being Christian’ is growing more rare.”

uma religião da terra.

O historiador Ronald Hutton (2019), em sua clássica obra que investiga as origens e o desenvolvimento inicial da *Wicca*, também chamada por ele de Bruxaria Moderna Neopagã, inicia sua argumentação explorando como o Romantismo influenciou não apenas a constituição do conceito de natureza, mas também a descrição das duas figuras divinas centrais à prática da *Wicca*, conforme demonstraremos adiante. O Romantismo, surgido no final do século XVIII como resposta às transformações sociais e econômicas da Revolução Industrial, propôs um retorno às emoções e à subjetividade, em oposição ao racionalismo exacerbado do Iluminismo. Esse movimento valorizou a natureza como refúgio espiritual, evocando uma visão nostálgica de um passado agrário idealizado, no qual o ser humano estaria em maior harmonia com o mundo natural. Ao contrastar a vida rural e pastoral com a urbanização e industrialização crescentes, o Romantismo destacou a natureza como símbolo de pureza e autenticidade humana. A valorização romântica da natureza a posicionou como símbolo de transcendência e consolo, alimentando a crítica à alienação provocada pela modernidade. Tal ideal foi absorvido por movimentos religiosos como o Neopaganismo, que integraram a visão de uma natureza sagrada ao centro de suas práticas e crenças.

A *Wicca* incorporou essa visão romântica, integrando a natureza como uma representação de sua deusa e deus, cuja interação cíclica espelha os processos de crescimento, morte e renascimento observados no mundo natural. Em sua narrativa fundacional, Gardner descreve a bruxaria como a derivação de um culto pré-histórico da fertilidade, no qual os participantes buscavam assegurar a continuidade da vida, e cuja origem remontaria ao tempo das sociedades baseadas em caça e coleta (Gardner, 2003). A busca por descrever uma forma de religião mais próxima a uma *fonte original* revela as influências da época sobre a construção narrativa da *Wicca* e a forte oposição entre as noções de moderno e primitivo, presentes em seu cerne. Tais noções são derivadas de autores como James Frazer, ao propor a relação entre o chamado homem primitivo e os ritos de fertilidade da natureza, e Margaret Murray, que escreve na introdução da obra fundante de Gardner (2003, p. 19), *A Bruxaria Hoje*, sobre a continuidade entre as práticas dos chamados primitivos e civilizados (Terzetti Filho, 2012). Apesar das origens modernas da *Wicca* estarem firmemente estabelecidas no esoterismo europeu do século XX, a ideia evocativa de um suposto *primitivismo* simbólico ecoa no discurso êmico contemporâneo de seus praticantes, que ainda hoje afirmam que “A *Wicca* pode ser considerada uma sucessora religiosa linear da primeira religião da humanidade” (Prieto, 2020, p. 26). Isso demonstra,

dentre outros fatores, a busca pela legitimação de uma tradição religiosa moderna em práticas espirituais do passado.

Aqui, vemos em atuação uma herança típica do Romantismo, caracterizado por uma nostalgia por um passado agrário pré-industrial idealizado, onde a natureza era percebida de forma mais pura e sem as intervenções tecnológicas da modernidade. Isso significa que o imaginário de natureza adotado pela *Wicca* em seu desenvolvimento inicial parece valer-se da oposição fundamental entre natureza e cultura – as práticas e rituais *wiccanianos*, centrados na celebração da passagem das estações do ano e do ciclo anual de plantio e colheita refletem um desejo, característico de seu tempo histórico, de retornar a uma idade dourada da humanidade, onde a vida era vivida em harmonia com a natureza, uma construção fortemente inspirada pelos ideais românticos de uma terra sagrada, não contaminada pelos elementos tecnológicos da modernidade.

3 A NATUREZA ALEGÓRICA NA *Wicca*

De modo geral, identificamos três categorias principais que parecem concentrar a relação das diferentes vertentes da *Wicca* com imagens da natureza: as figuras da deusa da fertilidade e do deus de chifres, bem como a observação das cerimônias da roda do ano. Vejamos cada um deles nos parágrafos abaixo, elucidando suas principais origens e derivações simbólicas, de modo a explicitar de que maneiras tornam visíveis o imaginário fundante sobre a natureza na *Wicca*.

A deusa da *Wicca* emerge como uma personificação tanto da lua como da terra e seus ciclos, incorporando influências de antigas divindades femininas e uma visão idealizada do mundo natural e de um suposto passado pré-histórico. Esse processo de construção simbólica foi influenciado por fontes clássicas e literárias, bem como pelo crescente interesse na imagética feminina e na natureza como símbolos de resistência e inspiração espiritual. O desenvolvimento do mito de uma suposta grande deusa europeia antiga, de natureza telúrica, que seria anterior aos cultos politeístas pré-cristãos, especialmente popularizado entre o século XIX e o início do século XX, ofereceu à *Wicca* uma base para desenvolver a imagem de uma deidade feminina que representa a fertilidade, a morte, o renascimento e a conexão com a natureza (Arantes, 2023). As pesquisas arqueológicas do século XIX e a descoberta de muitas estatuetas femininas do período paleolítico, somadas à discussão acadêmica sobre uma suposta religião primitiva europeia, forneceram as imagens e narrativas que mais tarde se consolidariam na figura da deusa.

Além disso, no mesmo período, observava-se na literatura o resgate romântico de deidades da Antiguidade, como Ísis, Ártemis e Diana, associadas à lua, à terra e aos ciclos da natureza. O Romantismo via nelas uma personificação da natureza divinizada que buscavam exaltar (Hutton, 2019). Descrições clássicas de uma grande deusa da natureza que sincretizava diversas deidades femininas pré-cristãs, como a narrativa isíaca presente na obra *O Asno de Ouro*, de Apuleio, foram utilizadas para dar corpo à ideia de uma deusa da fertilidade universal da antiga Europa. Os românticos foram responsáveis por elevar a deusa Diana, que presidia os lugares selvagens e indomados, em contraste com o ambiente urbano, a um caráter cósmico e universal, passando a ser retratada como a própria natureza encarnada e sacralizada (Bezerra, 2021). Autores como Robert Graves, com *A Deusa Branca*, contribuíram para idealizar uma figura feminina arquetípica, que personificava o poder da poesia, da intuição e dos mistérios cíclicos da vida. Graves argumentava que essa Deusa lunar era uma fonte de inspiração para poetas e se opunha à racionalidade e ao patriarcado da modernidade. Sua obra ajudou a moldar a concepção da deusa *wiccaniana* como uma figura complexa, portadora de três aspectos: donzela, mãe e anciã, representando as fases da lua e as estações do ano.

O conceito da deusa tríplice, popularizado pela obra de Graves, encontraria grande influência nas vertentes feministas da *Wicca*, bem como no Movimento da Deusa e grupos de espiritualidade feminina, fornecendo a eles um modelo imagético de sacralização da figura da mulher, seus ciclos biológicos e fatores fisiológicos, como a menstruação, o parto, a amamentação e a menopausa. Tais grupos mantêm a tendência em descrever o próprio universo como o *corpo da deusa*, compreendendo-a como radicalmente e absolutamente imanente, e eventualmente rejeitando até mesmo sua noção como uma deidade personificada e antropomorfizada para vê-la como uma metáfora simbólica da natureza e seus ciclos (Starhawk, 2021).

As diversas deidades femininas das mitologias pré-cristãs, vistas por estes grupos como diferentes aspectos de uma grande deusa universal, são muitas vezes interpretadas à luz de obras de psicologia, em especial a psicologia analítica de Carl Jung e seu conceito de arquétipos. Nesse sentido, há em tais grupos a tendência à reinterpretação dos mitos e narrativas simbólicas por uma ótica feminista, com o propósito de afirmar a sacralidade da natureza feminina, do corpo da mulher e dos muitos papéis que elas podem exercer e desempenhar socialmente, para além dos fatores de procriação enfatizados pelo esquema da deusa tríplice (Reid-Bowen, 2007). Tais leituras mais abrangentes que correlacionam diversas funções mitológicas de deidades femininas à experiência da mulher são típicas de

vertentes da *Wicca* que dialogam com a terceira onda do movimento feminista, como a Reclaiming e a Faerie Faith. Isso contrasta com as vertentes de *Wicca* derivadas da segunda onda do movimento feminista, como a *Wicca* Diânica Feminista de Z. Budapest, para as quais o conceito de natureza está intimamente vinculado ao próprio corpo feminino e restrito à experiência biológica das funções reprodutivas da mulher cisgênero, vista como a epítome da própria deusa e sua representante por direito. Em ambos os casos, nota-se uma preocupação em aproximar as definições de *natureza* e *mulher*, onde fatores naturais, como as estações do ano e as fases da lua, são interpretados como símbolos das experiências arquetípicas da mulher, visando, como objetivo final, a construção de uma sociedade pós-patriarcal, ou seja, mudanças não apenas de ordem ambiental, mas enfaticamente sociais (Starhawk, 2021).

Esses desenvolvimentos posteriores, entretanto, não encontram sustentação na literatura fundante da *Wicca*, na qual são enfatizados os aspectos procriativos da deusa e da fertilidade biológica da mulher (Arantes, 2023). O próprio Gardner (2004, p. 127) afirma que “Deve-se entender com clareza que nem todas as mulheres são consideradas representantes da Deusa”, sendo esse posto dedicado às mulheres mais jovens, com suas funções reprodutivas ainda em atividade. Ao passo que esse posicionamento de seu fundador não reflete o entendimento atual do papel da alta sacerdotisa na *Wicca* Tradicional Britânica (Arantes, 2023, p. 88), ele evidencia a relação simbólica entre a mulher, a natureza e a procriação presente no imaginário da época e reforçado pela teoria de uma grande deusa europeia.

A figura do deus de chifres na *Wicca* é uma construção complexa que integra influências da mitologia pré-cristã, da poesia romântica e do interesse moderno por antigas espiritualidades da natureza, bem como elementos do revisionismo histórico da caça às bruxas com a chamada hipótese do culto das bruxas (Arantes, 2023). Sua construção é fundamentada em deidades pagãs europeias, como o deus grego Pã e o romano-gaulês Cernunnos, ambos associados ao selvagem, aos animais e à fertilidade. Pã, em particular, era retratado como uma figura complexa e contraditória, que inspirava sentimentos de liberdade e, ao mesmo tempo, de temor pela sua natureza caótica. Na era Romântica, Pã passou por uma reinvenção na poesia e literatura inglesa, especialmente nas obras de escritores como Percy Bysshe Shelley, na qual suas características foram enaltecidas e elevadas ao caráter de deidade máxima da natureza. Para os autores da época, Pã representava uma ruptura com as normas civilizacionais e um retorno à liberdade instintiva e à conexão espiritual com o território não civilizado, capturando os ideais românticos

daquele tempo (Hutton, 2019) e fazendo com que ganhasse grande destaque.

À imagem de Pã, como o deus bucólico de um passado pagão idealizado e mais próximo da natureza, amalgamaram-se as noções de um deus da vegetação que nasce e morre anualmente, proposto por *O Ramo de Ouro* de James Frazer, bem como a descrição de um suposto deus das bruxas feita por Margaret Murray a partir da análise de registros inquisitoriais (Bezerra, 2022). A já superada hipótese do culto das bruxas, que propôs uma leitura da bruxaria inquisitorial como remanescências de um culto pagão clandestino, desempenhou um papel importante ao associar a figura folclórica da bruxa à imagem romântica de cultos pagãos campestres, elegendo Pã como um dos principais nomes para o deus da bruxaria, como retratam obras tal qual *A Feiticeira*, de Michelet (2003).

Ao passo que a imagem de um deus cornífero da bruxaria se desenvolvia, Gerald Gardner e outros proponentes da *Wicca* o descreveram como uma deidade que materializa categorias como o selvagem, o indomável e os aspectos cíclicos da vida e da morte na natureza. À medida que a literatura publicada da *Wicca* se expandiu, esse deus de chifres passou a ser associado aos caçadores paleolíticos, tidos como seus primeiros adoradores, criando a narrativa de que o deus da bruxaria seria, na verdade, a primeira divindade adorada pelos antigos povos europeus, ao lado da figura de uma deusa universal da fertilidade (Farrar e Farrar, 2018). A identificação dessa deidade ao deus agrário de James Frazer estabelece a relação do deus cornífero com a deusa da *Wicca*, sendo retratado como seu filho e amante, que todos os anos nasce dela no solstício de inverno para fertilizá-la durante o verão.

Essa imagem se distingue como uma resposta ao deus transcendente das religiões monoteístas, representando uma conexão visceral e íntima com o mundo natural. Além disso, também parece reforçar a já mencionada oposição entre natureza e cultura, ecoando a visão de um passado distante no qual o ser humano se via como dependente da atividade da caça para a sua sobrevivência. Portanto, argumentamos que a imagem do deus de chifres, que exalta a ideia de um primitivismo pré-histórico no qual supostamente a humanidade estaria mais próxima dos ciclos naturais, reforça mais uma vez a polarização entre modernidade e natureza, sugerindo um retorno simbólico aos temas considerados primitivos como um caminho de comunhão natural e desenvolvimento espiritual. Isso é constatado ao analisar o discurso de Gardner (2003) em *A Bruxaria Hoje*, na qual constantemente ele se refere ao *homem primitivo* para descrever a origem das práticas das bruxas, como a dança, o uso de enteógenos e a magia simpática, por exemplo.

Ao passo que um suposto primitivismo é exaltado como fonte de sabedoria religiosa,

Gardner não advoga um absoluto retorno ao não civilizado, mas busca contextualizar-se à sociedade europeia do século XX, para a qual sua religião de bruxas era apresentada. Isso é evidente em um importante interdito dos rituais da bruxaria pagã moderna: a proibição de atos de sacrifício (Gardner, 2003). Apesar da imagem do deus de chifres basear-se em narrativas de Frazer e Murray que envolvem o sacrifício anual do deus (personificado, às vezes, na figura de um rei agrário) como parte inerente de seu *corpus* mitológico, há, nos rituais da *Wicca*, “[...] a total ausência do conceito de sacrifício [animal ou humano], uma vez que se espera que o ritual, por si mesmo, seja satisfatório aos seres sobrenaturais envolvidos” (Hutton, 2019, p. 529, tradução nossa)². Isso mantém bem demarcadas as fronteiras entre fontes de inspiração pré-cristãs e práticas modernas consideradas como civilizadas e aceitas, de um ponto de vista moderno e social.

Para além da figura das deidades, há outro aspecto litúrgico que destacamos como relevante à análise da relação entre *Wicca* e natureza, e que parece comum às suas diferentes denominações, apesar de suas variações pontuais: a execução de oito cerimônias sazonais que marcam a passagem das estações, chamadas de *Sabbats*. Essas cerimônias são realizadas nos solstícios e equinócios, bem como em quatro pontos intermediários entre eles, que acontecem no início dos meses de fevereiro, maio, agosto e novembro. Ao passo que os nomes adotados para tais celebrações e sua mitologia específica possam variar de acordo com cada denominação *wiccaniana*, existe uma estrutura temática comum nas celebrações sazonais, fundamentada na observação do ciclo anual de variação de luz solar, bem como nos processos agrícolas, que estruturam simbolicamente tais cerimônias. A narrativa que permeia essas celebrações é inspirada nos ciclos de plantio, crescimento, colheita e repouso, vistas como metáforas narrativas dos processos naturais de vida, morte e renascimento. Um dos aspectos centrais dessa temática é o ciclo do plantio das sementes na primavera, seguido por três colheitas no outono, encerrando com um período de descanso no inverno.

A literatura *wiccaniana* sobre os *Sabbats* utiliza linguagem metafórica, personificando as deidades centrais como reflexo das mudanças sazonais e das etapas da vida humana. Nessas narrativas rituais, a deusa é frequentemente associada à terra, representando sua fertilidade, nutrição e renovação cíclica, enquanto o deus é igualado ao sol e às sementes (Gardner, 2022; Starhawk, 2018; Prieto, 2020). As narrativas rituais presentes nesses textos adaptam os títulos e aspectos das deidades para corresponder aos

² “[...] the normally total absence of the concept of sacrifice, as the ritual is expected to be satisfaction enough for the supernatural beings involved.”

fenômenos naturais que se espera observar em cada estação. Esse uso de linguagem metafórica e personificação não se limita a criar uma semiótica da natureza, na qual os ciclos naturais são traduzidos em imagens arquetípicas humanas; ele também reflete as etapas da vida humana. As idades das deidades – criança, jovem, adulto e idoso – oferecem também uma perspectiva existencial que conecta os praticantes da *Wicca* às fases da vida, representadas pelo nascimento, crescimento, maturidade e morte, reafirmando o conceito de continuidade através da renovação cíclica.

Entretanto, é importante enfatizar que o padrão simbólico da roda do ano, amplamente utilizado na *Wicca* e em outras tradições neopagãs, é uma construção moderna que amalgama diferentes festivais pré-cristãos de povos distintos da Europa em um único calendário ritualístico. Essa síntese foi realizada de forma deliberada para criar uma estrutura que evocasse uma conexão cíclica com a natureza e seus ritmos, mas sem uma correspondência direta com os calendários históricos ou práticas agrícolas específicas de qualquer povo. A natureza artificial dessa composição reflete o ecletismo característico do Neopaganismo moderno, no qual práticas e tradições diversas são reinterpretadas e adaptadas para atender às inclinações pessoais ou comunitárias. Essa tendência ao ecletismo fomentou, ao longo das décadas, a disseminação de diferentes costumes e tradições associados a cada festival, configurando uma bricolagem ritualística e mitológica que varia significativamente entre grupos e indivíduos.

A compreensão da importância de tal ciclo de cerimônias está na caracterização de Gardner à sua forma de bruxaria como um culto pré-histórico de fertilidade, da qual as bruxas e bruxos seriam sacerdotisas e sacerdotes, garantindo a continuidade da vida (Gardner, 2003). Uma análise da liturgia proposta para tais cerimônias no modelo fundacional de Gardner revela que o ciclo agrário anual é enfatizado como uma metáfora poética para o ensinamento da reencarnação dos seres humanos entre membros de sua própria família, e não uma preocupação objetiva com as colheitas (Arantes, 2023). Importantes autores neopagãos, como Doreen Valiente e o casal Farrar e Farrar (2017), advogam que a fertilidade da *Wicca* deveria ser reinterpretada como espiritual, e não meramente reprodutiva ou biológica – um argumento que, mais uma vez, demonstra que os elementos naturais enfatizados na *Wicca* parecem ser interpretados como metáforas para experiências propriamente humanas.

A relação entre a roda do ano e as mudanças sazonais torna-se ainda mais complexa à medida que a *Wicca* migrou para além da Europa, enfrentando a diversidade climática, sazonal e agrária de outras regiões. Esse desafio é ainda mais evidente em um país de

dimensões continentais como o Brasil, onde as estações do ano e os ciclos agrários não apenas divergem do padrão europeu, mas variam amplamente entre diferentes regiões do território nacional. O caráter simbólico do ciclo agrário passa então a ser enfatizado, reinterpretando o plantio como um período de planejamento e estabelecimento de metas pessoais, enquanto as colheitas passariam a representar os frutos do trabalho humano, por exemplo. Tal problemática é central para a análise da relação entre Neopaganismo e natureza, pois evidencia a tensão entre a simbologia universal da roda do ano e as particularidades locais dos ciclos naturais e agrícolas. Essa disparidade entre a simbologia da roda e as condições objetivas da natureza ilustra como a *Wicca*, ao mesmo tempo que busca um alinhamento com o mundo natural, frequentemente opera em um nível mais alegórico do que prático, reforçando a tese central de que a relação entre *Wicca* e natureza é permeada por uma construção simbólica idealizada.

Por fim, destacamos a maneira pela qual os aderentes da *Wicca* relacionam-se com a observação da roda do ano – pela execução de cerimônias formais, identificadas como rituais. Na *Wicca* Tradicional Britânica, bem como em outros grupos de caráter iniciático, no qual a participação nas cerimônias é restrita a membros que tenham sido formalmente admitidos através de um ritual de iniciação e submetidos a votos de segredo, as cerimônias são de caráter privativo. O principal ambiente para tais cerimônias é o espaço doméstico, temporariamente adaptado para servir aos propósitos religiosos, uma vez que a *Wicca* não se organiza em templos formais de uso cerimonial exclusivo. À medida que a *Wicca* se popularizou, diferentes grupos e organizações religiosas passaram a oferecer cerimônias abertas ao público, bem como encontros, palestras e acampamentos, buscando por espaços como praças e parques nos centros urbanos para realizar suas atividades. Isso é observado tanto em grupos internacionais (Adler, 2006) quanto nacionais (Araújo, 2020, p. 28).

A execução prática de tais rituais é marcada pela manipulação de instrumentos cerimoniais, como cálices e adagas, herdados pela *Wicca* da chamada tradição de mistérios ocidental, desenvolvida no *milieu* ocultista europeu. Conforme Hutton (2019) elucida em sua análise sobre as origens da *Wicca* e sua formação, destaca-se a influência direta de ordens esotéricas como a Maçonaria, a *Golden Dawn* e a *Ordo Templi Orientis*, marcadas pela prática da chamada magia cerimonial; trata-se de uma prática baseada na filosofia neoplatônica e em princípios teúrgicos, bem como em princípios do pensamento hermético, nas quais são enfatizados os aspectos simbólicos de elementos naturais, como metais, plantas e pedras, por exemplo.

Em última instância, entretanto, tais elementos naturais representam, mais uma vez,

atributos especificamente humanos. Os manuais de *Wicca* explicam que, pelo princípio de correspondências, o uso de uma adaga de ferro estaria ligado ao elemento fogo e ao planeta Marte, por exemplo, que corresponde a atributos como coragem, determinação e força de vontade. Já o uso de um cálice de prata estaria associado à simbologia lunar, e refletiria a relação do praticante com aspectos subjetivos de intuição, sonhos e emoções (D'este e Rankine, 2012). Isso sugere que tal prática tem como objetivo realçar e enfatizar aspectos típicos do comportamento humano e sua experiência subjetiva, para os quais a manipulação de elementos naturais é um meio, e não um fim em si mesmo. Novamente, elementos naturais assumem um caráter alegórico como representantes de características humanas, projetadas sobre entes naturais.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A *Wicca*, como religião moderna surgida no contexto europeu do século XX, reflete de maneira marcante as influências culturais e intelectuais de seu tempo, integrando elementos do Romantismo literário, da antropologia, história e arqueologia emergentes naquele período. A visão de natureza cultivada pela *Wicca* baseia-se em um imaginário idealizado, no qual as deidades centrais – a deusa da fertilidade e o deus de chifres – são descritas como figuras arquetípicas de uma *idade da pedra* europeia. Essa narrativa fundacional, promovida por Gerald Gardner, articula-se em torno de uma visão bucólica de um passado pré-industrial, frequentemente contrastada com as noções de modernidade e urbanização, características da época. O uso frequente da ideia do *homem primitivo* por Gardner, bem como as marcadas referências a autores como Frazer e Murray, reforçam um discurso nostálgico que vê na cultura pré-industrial uma fonte de sabedoria espiritual e harmonia com a natureza, em oposição às supostas alienações do mundo moderno.

A oposição êmica entre o Neopaganismo e o Cristianismo, recorrente nos discursos *wiccanianos*, é igualmente significativa. As narrativas neopagãs frequentemente associam os problemas contemporâneos, como a crise ambiental, a uma desconexão do ser humano com a natureza, exacerbada por ideologias transcendentais atribuídas ao Cristianismo. Essa oposição não se limita ao campo ambiental, mas adquire uma dimensão social e política nas vertentes feministas da *Wicca*. Nestas, o Cristianismo é denunciado como uma religião patriarcal que legitima a exploração da terra e da mulher, ao passo que a sacralização da deusa e do corpo feminino busca afirmar um novo paradigma social pós-patriarcal.

Apesar da retórica que privilegia a noção de primitivismo em seu discurso

fundacional e nas narrativas sobre sua suposta origem, a *Wicca* é uma religião essencialmente moderna, profundamente moldada pelo *milieu* ocultista europeu do século XX. Nesse contexto, a prática religiosa é altamente simbólica e alegórica, dotando objetos e elementos naturais de correspondências com características humanas. Ao utilizar instrumentos cerimoniais, os *wiccanianos* projetam atributos humanos, como coragem, intuição e renovação, sobre entes naturais. Essa prática revela que, mais do que um retorno literal ao passado, a *Wicca* reflete preocupações modernas, adaptando elementos de antigas tradições religiosas a uma cosmologia simbólica que dialoga com o sujeito urbano contemporâneo.

É nesse contexto urbano que a *Wicca* se consolida como prática. A proibição de sacrifícios animais, por exemplo, alinha-se a valores éticos e culturais modernos, demarcando uma fronteira clara entre o Neopaganismo e as religiões pré-cristãs que o inspiram. A prática da *Wicca* em ambientes internos, como residências adaptadas para cerimônias, reflete não apenas sua modernidade, mas também a necessidade de conformidade a um estilo de vida essencialmente urbano, longe da realidade agrária que inspira sua mitologia, para a qual os elementos alegóricos e cerimoniais tornam-se um substituto.

Ainda, destacamos que o conceito de natureza na *Wicca* é marcado pela ambiguidade e tensão entre natureza e cultura, ora aproximados como correspondentes, ora distanciados como excludentes. Ainda que os textos e rituais *wiccanianos* enfatizem a conexão com o mundo natural, essa natureza frequentemente assume um caráter alegórico, representando tanto um refúgio contra as tensões da modernidade quanto uma alegoria das etapas da vida humana. Entretanto, como o artigo argumenta, essa natureza idealizada frequentemente revela mais sobre os valores humanos projetados do que sobre o mundo natural em si, consolidando a *Wicca* como uma religião que interpreta e ressignifica o mundo à luz de suas necessidades e anseios modernos. Nas vertentes da *Wicca* de base feminista, desenvolvidas posteriormente nos Estados Unidos, o conceito de natureza se mostra intimamente ligado à biologia do corpo da mulher e seus processos fisiológicos, bem como ao uso recorrente das teorias da psicologia analítica que fornecem embasamento imagético na busca pela descoberta de uma natureza feminina essencial ou potencial, à medida que visa propor a construção de uma sociedade pós-patriarcal.

Por fim, destacamos como há, em todos esses casos, uma preocupação com temáticas tipicamente humanas, marcadamente psicológicas e subjetivas, a partir das quais as questões ambientalistas assumem, muitas vezes, uma posição secundária e ideológica, mas

não necessariamente social ou política, salvo em casos específicos de grupos caracteristicamente marcados por tais atitudes. Isso significa que, ao passo que a *Wicca* se identifique em termos ênicos como uma religião da natureza, isso não significa necessariamente o engajamento com questões ecológicas, uma vez que a sua vivência, marcada fortemente pela prática cerimonial, prescinde de ações e comportamentos implicados na modificação de comportamentos objetivos relacionados ao meio ambiente.

Embora este artigo tenha explorado a construção simbólica da natureza na *Wicca* a partir de fontes éticas e ênicas, algumas limitações devem ser reconhecidas. Primeiramente, a análise se concentrou nas vertentes fundacionais da *Wicca* e na observação ampla de costumes e narrativas simbólicas conforme a bibliografia consultada, com apenas breve menção à diversidade de tradições e práticas contemporâneas. Além disso, o foco no simbolismo e na idealização da natureza pode ter limitado a abordagem de aspectos práticos e sociais, como o engajamento de grupos *wiccanianos* com movimentos ecológicos contemporâneos. Por fim, as fontes utilizadas, predominantemente textuais, restringem a investigação das práticas e experiências dos adeptos, que poderiam enriquecer a análise por meio de estudos de campo ou entrevistas etnográficas. Essas lacunas apontam para a necessidade de pesquisas futuras que abordem a diversidade interna da *Wicca* e sua relação prática com questões ambientais e culturais em contextos específicos. A partir disso, destacamos a possibilidade de pesquisas futuras que analisem as motivações de grupos neopagãos ativamente envolvidos com causas ecológicas e ambientais, bem como elementos particulares da relação percebida entre religião e ecologia por praticantes urbanos contemporâneos.

REFERÊNCIAS

ADLER, M. **Drawing down the moon: witches, druids, goddess-worshippers and other pagans in America.** Nova York: Penguin Books, 2006.

ARANTES, F. A “**antiga religião**” **moderna**: uma análise fatorial da *Wicca* de Gerald. 2023. 160 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2023. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/39299/1/Fl%C3%A1vio%20Lopes%20Arantes.pdf>. Acesso em: 07 jul. 2025.

ARAÚJO, K. **Wicca, religião e natureza**: bruxaria e espaços sagrados no Brasil. 2020. 215 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/items/cccd4e3b-a0e6-4605-8a6a-b8fc9d014863>. Acesso em: 07 jul. 2025.

- BEZERRA, K. A Hipótese da Grande Deusa entre os românticos e acadêmicos. **Paralellus: Revista de Estudos de Religião**, Recife, PE, Brasil, v. 12, n. 29, p. 181–197, 2021. DOI: 10.25247/paralellus.2021.v12n29.p181-197. DOI: <https://doi.org/10.25247/paralellus.2021.v12n29.p181-197>.
- BEZERRA, K. Pã, O Deus de chifres e o Diabo: a ascensão e transformação de um Deus. **PRACS: Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP**, Macapá, AP, Brasil, v. 15, n. 3, 2022. DOI: <https://doi.org/10.18468/pracs.2022v15n3.p%25p>.
- D'ESTE, S.; RANKINE, D. **Circle of fire: a practical guide to the symbolism & practices of modern Wiccan ritual**. Londres: Avalonia, 2012.
- FARRAR, J.; FARRAR, S. **A Bíblia das bruxas: manual completo para a prática da bruxaria**. São Paulo: Alfabeto, 2017.
- FARRAR, J.; FARRAR, S. **O Deus das bruxas: o Senhor da dança**. São Paulo: Alfabeto, 2018.
- GARDNER, G. **A bruxaria hoje**. São Paulo: Madras, 2003.
- GARDNER, G. **O significado da bruxaria**. São Paulo: Madras, 2004.
- GARDNER, G. **O livro das sombras de Gardner**. São Paulo: Madras, 2022.
- HANEGRAFF, J. **New age religion and western culture: esotericism in the mirror of secular thought**. Nova Iorque: Brill, 1996.
- HUTTON, R. **The triumph of the moon: a history of modern pagan witchcraft**. New edition. Oxford: Oxford University Press, 2019. *E-book*.
- MICHELET, J. **A feiticeira**. São Paulo: Aquariana, 2003.
- PEARSON, J. Neopaganism. In: HANEGRAFF, W. (ed.). **Dictionary of gnosis & western esotericism**. Leiden: Brill, 2006. p. 825-834.
- PRIETO, C. **Wicca: a religião da deusa**. São Paulo: Alfabeto, 2020.
- REID-BOWEN, P. **Goddess as nature: towards a philosophical theology**. Cornwall: Ashgate Publishing Limited, 2007.
- STARHAWK. **A Dança cósmica das feiticeiras: o renascimento da consciência espiritual feminista e da religião da grande deusa**. São Paulo: Pensamento, 2021.
- TERZETTI FILHO, C. **Um bruxo e seu tempo: as obras de Gerald Gardner como expressões contraculturais**. 2012. 179 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <https://www.sapientia.pucsp.br/handle/handle/1845>. Acesso em: 07 jul. 2025.

Conflito de interesses: O autor declara não haver conflito de interesses.

Recebido em: 29-04-2025

Aprovado em: 07-07-2025

Editor-gerente: Moisés Sbardelotto